

## **RESISTIR PARA COMPREENDER**

*Beatriz ANDREIUOLO<sup>1</sup>*

A editora Zahar lançou neste ano de 2007, em sua coleção Passo a Passo, o volume dedicado a Hannah Arendt, escrito por Adriano Correia. A intenção didática do livro beneficia-se muito do destaque que o texto dá à relação entre a vida e a obra da autora, para quem o pensamento “sempre se volta contra si mesmo” e não se desvincula das imagens que o desencadeiam. Não são os aspectos particulares dessa vida que estão em questão, mas antes o modo como Hannah Arendt reagia às imagens de seu tempo, e à influência de pensadores com quem conviveu, como Heidegger, Jaspers e Walter Benjamin. O texto mostra como a autora buscou, a cada vez, compreender os eventos de uma época desarticulada, de tal forma que o leitor pode acompanhar o laço fundamental que uniu experiência e pensamento em sua obra.

O caráter desarticulado dessa época deve-se ao já clássico tema do fim da tradição, tantas vezes enfatizado por Hannah Arendt e que veio à tona no século XX, na forma de evento, com a organização de governos totalitários e dos campos de concentração. Para a autora esse acontecimento teria exposto as camadas antes “subterrâneas” de uma crise que já se anunciara desde a modernidade. Isso porque aquilo que chamou de “nossa tradição de pensamento político” – iniciada com Platão, mais precisamente em *A República*, quando o filósofo estipulou o vínculo entre agir e pensar, subordinando o primeiro à orientação do segundo – teria chegado a um esgotamento com as idéias de Marx, que buscava se afastar da Filosofia para realizá-la na política. De uma e de outra maneira, tanto na antiguidade quanto na modernidade, a articulação hierárquica entre pensamento e política acabava por sufocar o caráter desinteressado e insubordinado dessas duas esferas da vida humana. Na leitura arendtiana do rompimento com a tradição foi o evento totalitário o golpe decisivo que evidenciou a falência dos princípios que, desde Platão, vinham nos servindo de critérios de conduta para o agir e para o próprio pensar.

Hannah Arendt percebeu que justamente na quebra da continuidade dos valores tradicionais, na deficiência de sua transmissibilidade, abria-se um horizonte em que

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia. PUC-Rio de Janeiro – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. Programa de Pós- Graduação em Filosofia. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 22543-900 – biandreuolo@globocom

problemas elementares da política e do pensamento estavam expostos a uma avaliação mais livre, sem orientações prévias. Tal liberação, no entanto, diz respeito também ao próprio passado, à própria tradição com a qual Hannah Arendt nunca deixou de conversar. Esse diálogo aparece muitas vezes no livro de Adriano Correia. Ele mostra, por exemplo, como, em sua tese de doutorado *O conceito de Amor em Santo Agostinho*, a autora já buscava ouvir o que permanecera encoberto pela interpretação habitual de pensadores anteriores; nas palavras dele “Hannah Arendt encontra em Agostinho, com e contra ele, um modo de compreender a existência humana que desloca a centralidade da relação do homem com o mundo da mortalidade para a natalidade.” (CORREIA, 2007, p.19).

Há uma boa atmosfera no texto com a escolha por percorrer cronologicamente as obras da autora, mostrando como cada uma delas é atravessada pela preocupação em responder aos eventos extremos de seu tempo. No entanto, o leitor que inicia uma aproximação das idéias de Hannah Arendt pode ficar confuso com a tradução que Adriano Correia faz do termo inglês *labor* – fundamental para a compreensão do pensamento arendtiano – por **trabalho**. Dentre as muitas distinções feitas pela autora há essa, fundamental, que procura desembaraçar *labor* de *trabalho* – *labor* e *work* em inglês. Toda a parte central de *A condição humana* está envolvida com a definição de três atividades da *vita activa*, que aparecem nos livros da autora em português como *labor*, *trabalho* e *ação*. Por isso, Adriano Correia, ao fazer tal escolha – que não é de todo injustificada, visto vários comentadores optarem por essa tradução em textos próprios – poderia, para facilitar a vida do leitor iniciante, ter comentado ou mesmo feito referência à mudança de nomenclatura.

Em alguns momentos o texto busca, no pensamento arendtiano, respostas para problemas práticos e, com isso, acaba por revesti-lo de um tom mais propositivo do que, parece-me, ele de fato tenha. É que, para ela, a única possibilidade de reconciliação com a realidade de nosso mundo está na tentativa de compreendê-lo, e se como afirmou “[...] a compreensão é interminável e, portanto, não pode produzir resultados finais [...]” (ARENDRT, 1993, p.39), seria no mínimo injusto extrair de suas linhas uma teoria funcional para a política. Injusto com o pensamento e com a política.

É que, em geral, a via de acesso às idéias de Hannah Arendt tem sido a tradição de pensamento político ocidental. Muitas vezes isso significou um aprisionamento da autora em uma linhagem de teóricos e de termos dissonantes com suas reflexões, aprisionamento que acaba por dissolver a singularidade de seu pensamento. Hannah Arendt não via o âmbito político como uma seara que obedecesse a leis ou modelos definidos por uma teoria política, ou seja, fora da vida política. Por isso nenhuma pré-definição de conduta cabe nas ações humanas, que são políticas justamente porque estão livres do mecanismo teleológico, porque não estabelecem de antemão

nenhum fim, nem são precedidas por nenhuma idéia, são, em sua essência, irrupções independentes. A singularidade de suas idéias parece ser tão difícil de ser suportada justamente porque seu pensamento ocupa-se apenas com a compreensão, e nunca com estratégias de solução. Portanto, se o leitor de Hannah Arendt buscar nela as mesmas formulações de problemas colocados pela filosofia política tradicional, não só não vai encontrar respostas como vai perder a oportunidade de entrar em contato com aquilo que talvez seja seu melhor legado: a originalidade do seu jeito de pensar.

E, nesse seu jeito de pensar, ela era incansável. Daí que tenha recorrido à imagem de Penélope, fiando e desfiando o manto, para aludir à compreensão. O significado da interminável tarefa compreensiva repousa justamente, como escreveu no prefácio de *Origens do Totalitarismo*, na possibilidade de os homens poderem “[...] examinar e suportar conscientemente o fardo que nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja.” (ARENDRT, 1989, p.12). Uma tal resistência é constantemente bombardeada pela irresistível tentação de recorrer aos valores tradicionais, agora inertes e, vergando humildemente ao seu peso, de buscar a resolução para novos problemas em idéias pré-moldadas. É que, como a própria autora apontava, a crise que se instaurou tem uma face ambígua, pois não determinou de uma vez por todas o fim da tradição, não fez cair por terra, de maneira definitiva, as antigas verdades. Por isso, tantas vezes, ao lançarmos um olhar mais desarmado em direção ao mundo, rapidamente o que nos parecia estranho é encoberto por uma familiaridade ludibriante que, no entanto, é incapaz de nos ajudar a compreender o que estamos vendo.

O desafio a um só tempo lançado e aceito por Hannah Arendt é um desafio para o pensamento, fala de uma coragem em permanecer num estranhamento sem aniquilá-lo, acolhe a novidade desconcertante do mundo e das ações humanas sem subsumi-las em preceitos gerais e recusa os posicionamentos ideológicos do intelectualismo político. Nisso podemos dizer que Hannah Arendt dá um passo não à frente, mas atrás, já que não está imbuída em resolver os problemas políticos atuais, pois percebeu que em toda a conversa que viemos tendo durante mais de dois mil anos sobre política, esta raramente esteve presente. Precisamos urgentemente tentar compreender onde se escondeu a política, ou melhor, onde nós a escondemos, porque nossos olhares se desviaram dela. Isso significa pensar a política sem procurar um conhecimento teórico que oriente as ações humanas, sem o compromisso de que através do âmbito público se deva **fabricar** um mundo melhor. Será que estamos prontos para suportar o frescor de suas idéias?

CORREIA, A. **Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007. 84 p.

## Referências

ARENDRT, H. A. Compreensão e política. In: \_\_\_\_\_. **A dignidade da política**: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. p.39.

\_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.